

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



Quem criança vê, adulto lhe parece?
Inferências deliberadas de traço para crianças e adultos

Mara Raquel Domingues Soares dos Santos

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

(Secção de Cognição Social Aplicada)

2018

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



Quem criança vê, adulto lhe parece?

Inferências deliberadas de traço para crianças e adultos

Mara Raquel Domingues Soares dos Santos

Dissertação orientada pela Doutora Sara Loureiro Cardoso (Sara Hagá)

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

(Secção de Cognição Social Aplicada)

2018

Índice

Resumo	4
Abstract.....	5
Quem Criança Vê, Adulto lhe Parece?	6
Inferências Deliberadas de Traço Para Crianças e Adultos.....	6
Formação de Impressões – O Início	8
Modelos Inferenciais Disposicionais	8
Modelos Inferenciais Categoriais	11
Pré-Teste 1	17
Método	17
Resultados.....	19
Pré-Teste 2.....	19
Método	19
Resultados.....	20
Estudo Principal.....	21
Método	21
Resultados.....	23
Discussão	27
Follow-Up.....	32
Método	32
Resultados.....	33
Referências	35
Anexos.....	37
Anexo A 1.....	37
Tabela A 2.....	43
Anexo B 1	48

Resumo

A formação de impressões é amplamente estudada em psicologia social e embora enquadre vários grupos nos seus estudos, as crianças não têm sido consideradas um grupo de destaque. Compreender como é que se formam impressões em relação a este grupo pode revelar-se útil em várias áreas de intervenção, tais como a orientação e formação de profissionais de educação, ou qualquer outra atividade profissional que implique contacto com o mesmo. Com esse objetivo em mente, realizou-se um estudo que permite antever algumas das considerações que devem ter-se em conta em futuras investigações sobre o tema. As hipóteses colocadas são: Os adultos vão fazer inferências mais fortes sobre outros adultos do que sobre crianças; as inferências sobre as crianças vão ter uma valência mais positiva do que negativa; vão fazer-se mais inferências estereotípicas do que contra-estereotípicas, no que se refere às crianças. Para esse efeito, utilizaram-se frases implicativas de traço e fotos de crianças e de adultos. Os participantes viam frases que descreviam comportamentos realizados por pessoas (e.g., “Foi contra um poste enquanto andava na rua”, “Preparou a mochila com tudo o que ia precisar para o dia seguinte”), acompanhadas da fotografia da pessoa que realizou esse comportamento. Foi-lhes pedido que lessem a frase com atenção e indicassem o quanto é que achavam que aquela pessoa possuía determinado traço de personalidade (e.g., distraído, organizada). Os atores foram manipulados, para em metade dos ensaios serem de crianças e na outra metade serem de adultos, associados às mesmas frases. Os resultados do estudo corroboram a primeira e terceira hipóteses colocadas, o que suporta que a forma como se avalia crianças socialmente é diferente da forma como se avaliam adultos.

Palavras-Chave: Formação de impressões, cognição social, crianças, inferências de traço

Abstract

Impression formation is extensively studied in social psychology and although it focus on several groups in their studies, children have not been considered a prominent group. Understand how impression formation works for this specific group may prove useful in several areas of intervention, such as guidance and training of education professionals, or any other professional activity that involves contact with it. Considering this goal, we carried out a study that allows us to foresee some of the issues that should be considered in future research on the subject. We will consider the following hypotheses: Adults will make stronger inferences about other adults than about children; Inferences about children will have a positive rather than negative valence; Stereotypical rather than counterstereotypical inferences will be made as far as children are concerned. For this purpose, we used trait-implying sentences and photos of children and adults. Participants saw phrases describing behaviours performed by people (e.g., "Went against a pole while walking on the street", "Prepared the backpack with everything s/he would need for the next day"), paired with the photograph of the person who carried out this behaviour. They were asked to read the sentence carefully and indicate how much they thought the person possessed a particular personality trait (e.g., distracted, organized). The actors were manipulated so that they were children in half of the trials and adults in the other half, associated with the same sentences. The results of the study corroborate the first and third hypotheses put forward, which supports that the way children are social perceived is different from the way adults are perceived.

Key words: Impression formation, social cognition, children, trait inferences

Quem Criança Vê, Adulto lhe Parece?

Inferências Deliberadas de Traço Para Crianças e Adultos

O estudo da formação de impressões tem-se dedicado a vários campos de interesse, mas pouco se tem estudado sobre a forma como se formam impressões sobre as crianças.

Sendo as crianças um grupo social com um papel importante na sociedade, achámos que seria importante compreender como é que os adultos formam impressões sobre elas.

Atualmente as crianças são socialmente preservadas, tendo direitos, leis que as protegem e direito a voz (Rogoff, 1990; Sirota, 2001), mas a psicologia social parece esquecê-las enquanto grupo social. Tem-se desenvolvido algum trabalho teórico sobre os processos subjacentes à percepção social, que seriam potencialmente úteis para compreender a forma como se tende a ver as crianças, mas sempre dedicado a outros grupos, tais como os idosos. Considerando o peso do papel social das crianças, pareceu-nos pertinente desenvolver um trabalho que nos trouxesse luz sobre esse grupo.

É facilmente compreensível que há determinadas características que podem ser associadas a determinados grupos sociais e que podem promover a discriminação dos seus membros. Temos como exemplo disso o racismo, a xenofobia ou até o machismo. Quando essa discriminação advém da idade do indivíduo é denominada de idadeísmo. Este conceito é explicado por Butler (1975, citado por Barber & Tan, 2018) como sendo um “processo de estereotipização sistemática e discriminação contra pessoas por serem velhas, tal como o racismo e o sexismo o fazem através da cor da pele e do género. Pessoas idosas são caracterizadas como senis, inflexíveis no pensamento e no comportamento, e obsoletos na moral e capacidades... O idadeísmo permite a gerações mais novas ver as pessoas mais velhas como diferentes.” (p. 35). Nesta descrição destaque-se o que identificámos como sendo uma lacuna nos estudos sociais sobre o tema.

A maior parte dos estudos sobre idadeísmo centra-se maioritariamente em percepções sobre idosos. A questão que se coloca é se esta mesma situação pode ocorrer na direção inversa, ou seja, estarão as crianças a ser discriminadas socialmente tal como os idosos?

Uma das evidências de que as crianças podem estar a ser alvos de idadismo, pode ser encontrada no modelo de conteúdo dos estereótipos (SCM), apresentado por Fiske (2002). Neste modelo, a autora defende que socialmente as pessoas tendem a avaliar os outros pela sua *warmth*, ou seja, pela sua confiabilidade, a qual considera uma dimensão importante, por permitir a antevisão de comportamento. Nesse trabalho a autora mostra um mapa de *warmth vs. competência* (quão competentes são considerados os membros de determinado grupo), e no mesmo verifica-se que as crianças, tal como os idosos, se consideram como alta *warmth*, mas baixa competência. (Bergsieker Leslie, Constantine, & Fiske, 2012, Study 4; Cuddy et al., 2009; Durante et al., 2013; Lee & Fiske, 2006, citados por Fiske, 2018). Esta é evidência de que estes grupos sociais estão a ser avaliados de forma distinta em relação a outros.

A questão sobre como se formam impressões sobre as crianças é importante, pois compreender a influência que estas impressões têm na interação com as mesmas pode ser uma mais valia nas relações sociais com este grupo. Sejam pais, profissionais de educação ou áreas relacionadas, como outras áreas podem beneficiar do facto de sermos capazes de compreender melhor como funcionam estas interações e as suas implicações.

Sendo um animal social, o ser humano é frequentemente confrontado com comportamentos de outras pessoas, em boa parte, desconhecidas, tendo de estar munido de ferramentas que facilitem essas interações. A verdade é que geralmente, através das suas ações é possível obter alguns conhecimentos acerca das intenções, motivações, competências desejos, crenças e traços de personalidade daqueles com quem nos confrontamos. É a esta forma de compreender determinadas características das pessoas, associadas ao seu comportamento, que se designa por inferências disposicionais. Estas têm-se revelado uma competência essencial na forma como percecionamos, compreendemos e interagimos com as outras pessoas (e.g. Gilbert, 1998).

Formação de Impressões – O Início

A primeira investigação experimental no domínio da formação de impressões tem início com os trabalhos de Solomon Asch. No seu trabalho, Asch (1946) reflete sobre a forma como se formam impressões sobre determinada pessoa. O autor considera que toda a informação que se conseguia recolher sobre determinado indivíduo se refletia numa impressão una, coesa e detalhada sobre o mesmo. Soube colocar as questões relevantes para que fossem dados passos importantes nesta área. “Como é que várias características levam a uma impressão sobre alguém? Que princípios regulam esse processo?” (p. 258).

O seu trabalho, evidenciou que para se formar impressões sobre determinado sujeito, não é necessário contexto. Os seus estudos iniciais consistiam em dar aos participantes listas de palavras e pedir que formassem uma impressão sobre determinada pessoa, a partir das mesmas. Mesmo sem detalhes sobre a pessoa, ação ou contexto, as impressões formadas eram unificadas, com inferência de características além das descritas. Outro efeito observado pelo autor foi o da centralidade de traço. Este observa-se quando os participantes ouvem a descrição com inclusão do traço “caloroso” tendem a realizar descrições consideravelmente mais positivas do alvo, do que os participantes que ouvem a descrição com a inclusão do traço “frio” (Asch, 1946, estudo 1). Este estudo mostrou que determinados traços, podem ativar outros e inclusive promover uma descrição completa de um indivíduo, sem qualquer contexto ou informação complementar. O trabalho difere do que é desenvolvido posteriormente por não prestar aos participantes descrições completas dos sujeitos, o que foi um ponto de partida muito importante para a compreensão da formação de impressões.

Modelos Inferenciais Disposicionais

Para uma melhor compreensão do presente projeto é importante falar nos modelos de inferências disposicionais, os quais se apoiam no pressuposto de que quando determinada ação é observada, não é apenas a mesma a ser julgada, mas também o seu ator. No início, a inferência disposicional começou por ser estudada no âmbito de como se inferem causas para os comportamentos das outras pessoas. O trabalho de Heider (1958, citado por Garcia-Marques, & Garcia-Marques, 2004), identifica vários pressupostos sobre percepção social. O autor faz diversas considerações sobre a forma

como o ser humano percebe o mundo social e o que o influencia, sendo uma das mais prementes, a distinção entre causalidade pessoal e impessoal.

O seu trabalho foi o ponto de partida para o modelo de Jones e Davis (1965) (citados por Garcia-Marques & Garcia-Marques, 2004), no qual mostram que as ações, quando observadas, não são consideradas como meramente acidentais. Sendo o nosso mundo social, a tendência mais geral será identificar o ator da ação em vez da sua causa. O que isto significa é que, do ponto de vista perceptivo, o ator e as suas ações formam uma unidade mais forte do que as ações e a situação que em estas ocorrem. Mas será correto assumir que o estabelecimento de uma ligação ação – disposição passa sempre pela atribuição de uma intenção? Quando se atribui uma ação a uma disposição, há atribuição de intenção? Imagine-se um perceptivo a observar uma criança e um adulto, ambos passam por um cão e fazem uma festa na cabeça. Será que o perceptivo vai interpretar esse gesto da mesma forma para ambos?

Jones e Davis (1965) tentam compreender as variáveis envolvidas na extração de informação sobre condições de determinada ação, utilizando a teoria da inferência correspondente. Aqui “correspondente” refere-se à “extensão de que o ato e as características ou atributos subjacentes são descritos de forma semelhante pela inferência” (Jones & Davis, 1965, p.223), querendo isto dizer, que uma inferência correspondente ocorre quando se assume, com elevada confiança que o comportamento é reflexo direto da intenção do sujeito que o pratica, tal como um reflexo da sua disposição. O que este modelo diz, é que o perceptivo vai observar se o ator: pretendia obter aquele resultado a partir daquela ação (motivação); compreende os efeitos do seu comportamento (conhecimento); tem a habilidade de produzir esse efeito deliberadamente caso o deseje (habilidade); estava livre de controlo externo. Caso se verifique que há controlo e motivação suficientes, infere-se que o efeito do comportamento era o pretendido. Nesta altura deu-se a descoberta de um enviesamento importante, em que as pessoas inferem disposições, mesmo quando não o deveriam fazer. Imagine-se uma criança e um adulto que aceitam ajudar alguém a carregar as suas compras. No final a pessoa recompensa-os de alguma forma. Facilmente poderia afirmar-se que o adulto é interesseiro, pois pretendia algo em troca dessa ação. No entanto, é muito provável que no caso da criança se achasse que ela ajudava sem segundas intenções, a não ser que algo indicasse claramente que ela sabia que seria recompensada.

Este não é o único modelo onde são consideradas diversas fases necessárias à formação de impressões. Garcia-Marques & Garcia-Marques (2004), explicam que

“segundo o Modelo de Gilbert (1989; Gilbert, Pelham & Krull, 1988, texto 5; Gilbert, Krull & Pelham, 1988, texto 6), o processo subjacente às inferências correspondentes compreende três fases: a categorização, a caracterização e a correção. A primeira fase corresponde à extração do significado do comportamento ou à sua interpretação (de acordo com a noção de que o que parece é). A segunda fase corresponde à inferência correspondente, quer dizer caracteriza-se o ator com um traço correspondente à forma como o comportamento foi caracterizado. Na terceira fase, a inferência correspondente é corrigida ou anulada em função da existência ou inexistência de constrangimentos situacionais que sejam causas suficientes para a ocorrência do comportamento. As duas primeiras fases diferem da terceira em termos da sua natureza cognitiva. As duas primeiras fases são automáticas, quer dizer dependem de processos altamente eficientes (não carecendo da disponibilidade de recursos cognitivos ou atenção) e não-intencionais mas de difícil acesso introspectivo e monitorização. A última fase, pelo contrário, depende de processos deliberados, dependentes de recursos cognitivos e de intencionalidade para poderem ocorrer, embora facilmente acessíveis introspectivamente e facilmente monitorizáveis (ver Bargh, 1994).” (pp. 32 - 33). Pegando no exemplo anterior, o que isto significa é que um percepiante ao observar a criança a querer ajudar o adulto, vai formar uma impressão inconsciente sobre o mesmo. Pode pensar que é uma criança querida, ou prestável. Mas de seguida, pode ouvir a mãe dizer que por cumprir essa tarefa vai receber um gelado. Aí, já vai corrigir a primeira impressão e deixar de dizer que é querida, para dizer que é esperta, por exemplo.

Isto acontece porque na maior parte das interações sociais prevalecerão os processos que não carecem da disponibilidade de recursos cognitivos e só em condições cognitivamente muito favoráveis é que ocorrerão os processos menos eficientes. Logo, na maior parte das vezes, as inferências disposicionais serão realizadas sem que todas as suas fases sejam percorridas ou ultrapassadas.

Em suma, nos modelos de inferência disposicional, o peso de determinada ação sobre a opinião do observador vai depender de quanto o mesmo a atribua a fatores internos ou externos. O que isto significa é que quando se avalia determinada ação por parte de outrem, vai também ter em consideração se a mesma foi, ou não, consequência de alguma ação externa.

Estes modelos ajudam a antever que os percepiantes nunca se limitam a julgar apenas aquilo que observam, mas os modelos inferenciais categoriais, ajudam ao uma melhor contextualização deste projeto, como veremos a seguir.

Modelos Inferenciais Categóricos

Foi também inspirado em Jones e Davis (1965) que surgiram modelos seriais de formação de impressões, como o modelo de processamento dual (Brewer, 1988) ou o modelo contínuo de formação de impressões (Fiske & Neuberg, 1990). Estes têm diferenças fundamentais entre si, mas ambos tentam explicar como se integra a informação que chega a partir da memória (e.g., estereótipos associados às categorias sociais a que a pessoa pertence) com a informação que chega a partir do comportamento observado.

Embora o nosso projeto seja sobre inferências deliberadas de traços e não se prenda com estereótipos, é pertinente saber como os mesmos podem interferir no processo, por terem algum peso no seu resultado. A questão que se levanta aqui, é se há diferença na forma como os adultos inferem em relação a crianças *vs.* adultos. O que significa que, apesar de os adultos serem confrontados com ações individuais, podem avaliar o comportamento em função do estereótipo do grupo.

Segundo a teoria de Brewer (1988) a abordagem a uma situação social em termos de identidades pessoais *vs.* identidades sociais despoleta dois modos distintos de processamento de informação sobre os atores dessa interação social. Quando duas pessoas interagem entre si, ativa um modo de processamento de formação de impressões *person-based*, quando a interação é entre grupos distintos ativa um modo de processamento *category-based*. O que distingue estes processos é o facto de as pessoas conseguirem mais facilmente categorizar um grupo, do que um indivíduo. (Turner et al., 1987, citado por Brewer, 2011).

Este modelo assemelha-se ao de Fiske e Neuberg (1990), só que enquanto Brewer assume que o percepiante apenas ativa um dos processos, Fiske e Neuberg, assumem que se trata de um processo contínuo, com passos intermédios. Ambos os modelos, assumem que se o observador, estiver fortemente motivado pode ativar um processo baseado em atributos, mas o primeiro processo a ser ativo pelo observador é sempre estereotípico (Brewer, 1988; Fiske & Neuberg, 1990, citados por Kunda & Thagard, 1996). O que ambos os modelos assumem, é que quando confrontados com determinado comportamento, há uma prevalência dos processos estereotípicos em relação aos processos individualizantes.

Posteriormente surge o modelo de Kunda e Thagart (1996), que assumem na sua teoria de formação de impressões que estereótipos, traços e comportamentos podem ser

representados como nós interconectados numa larga rede de ativações. A dispersão de ativação entre nós é moderada por associações positivas e negativas. Apresentamos uma das versões menos complexas do modelo na Figura 1, para que o leitor possa compreender como se processa. O exemplo dado pelos autores é de um percepite observar um empurrão por um ator negro vs. caucasiano.

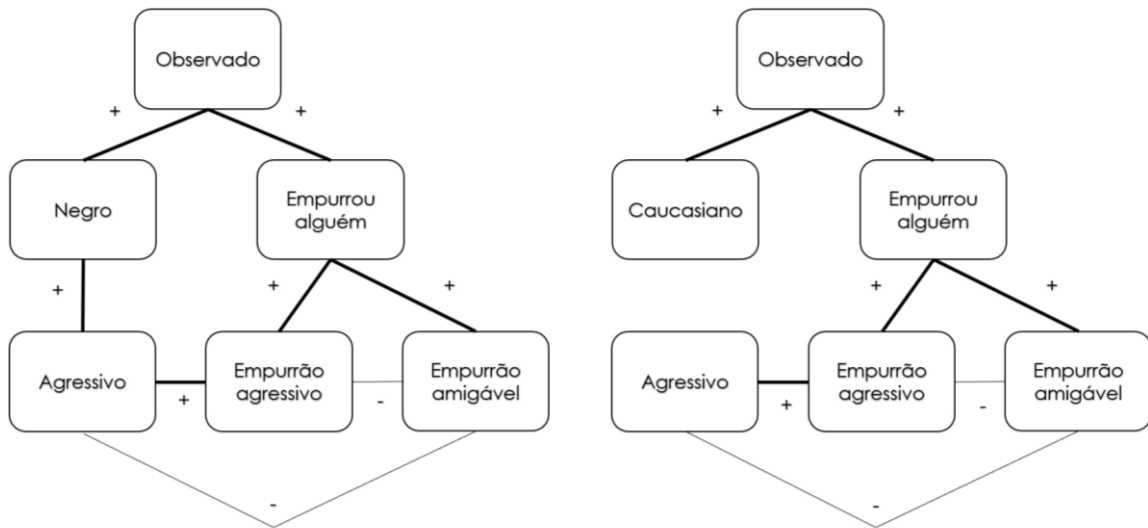


Figura 1. Exemplo de modelo sobre como os estereótipos afetam o significado do comportamento, segundo Kunda e Thagard (1996).

As caixas representam os nós que representam o comportamento (dar um empurrão), duas das interpretações possíveis (fê-lo de forma agressiva ou estava a brincar) e a categoria estereotípica (negro ou caucasiano). As linhas que ligam os construtos indicam a natureza da ligação entre eles, enquanto as linhas a negrito indicam conexões estimulantes, as linhas finas indicam ligações inibitórias. Os sinais de negativo e positivo ao longo das linhas indicam a força da conexão. Existem outros possíveis construtos associados que não se encontram representados. Neste exemplo, “negro” tem uma associação estimulante positiva com “agressivo” e uma relação inibitória negativa com “empurrão amigável”. Assim, quando “agressivo” é ativado, vai ativar “empurrão agressivo” e desativar “empurrão amigável”. Posteriormente “empurrão amigável” também será inativo por ter uma relação negativa com “empurrão agressivo”. Portanto, quanto mais se ativar “agressivo” mais desativado fica “empurrão amigável”. Esta teoria também defende que informação que foi diretamente observada, logo que se sabe ser verdade sobre o ator, retém a informação formada sobre essa pessoa. No exemplo dado, as possíveis interpretações do comportamento e os traços associados, não foram

diretamente observados, mas ativaram ou desativaram através da sua associação com a informação mostrada. Por último, há a assunção de que a associação da informação observada é ativada e desativada em simultâneo enquanto retém a impressão do ator. Quando se vê que um negro “empurrou alguém”, ativam-se tanto “empurrão agressivo” como “empurrão amigável”, mas em simultâneo, “negro” ativa “agressivo”, que por sua vez ativa “empurrão agressivo” e desativa “empurrão amigável”. Por outro lado, quando o ator é “caucasiano”, “agressivo” não é ativado, logo “empurrão agressivo” acaba por ter uma ativação mais intensa quando o ator é negro, do que quando é caucasiano. No entanto, os autores não assumem que haja necessariamente uma hierarquia de construtos, assumem antes que possa haver relações diretas e indiretas entre si.

No seu artigo Kunda e Thagard (1996) referem vários fenómenos que explicam através do seu modelo. Como por exemplo, que os estereótipos definem impressões na ausência de informação individualizante e que os estereótipos afetam classificação de traços na presença de informação individualizante ambígua, vêm corroborar o afirmado por Brewer (1988) e por Fiske e Neuberg (1990). Alguns dos fenómenos referidos, parecem pertinentes para o nosso projeto, como estereótipos definem impressões na ausência de informação individualizante. É dado o exemplo de que uma pessoa descrita apenas por um nome masculino e vista como sendo mais assertiva, do que uma descrita apenas por um nome feminino (Locksley, Borgida, Brekke e Hepburn, 1980; Rasinski, Crocker e Hastie, 1985, citado por Kunda & Thagard, 1996). Isto significa que o estereótipo associado à categoria social do indivíduo (neste caso, homem ou mulher), define a impressão que se forma sobre ele. Neste modelo considera-se que quando um estereótipo é ativado, essa ativação estende-se ao traço que lhe é associado. Essa ativação também se estende aos comportamentos associados a esses traços, diretamente a partir do estereótipo e indiretamente através dos traços ativados. Tendo os traços e os comportamentos estereotipicamente relacionados ativações fortes, são percecionados como altamente prováveis no indivíduo caracterizado pelo estereótipo. Outro fenómeno que é relevante para este projeto é o de que estereótipos afetam classificação de traços na presença de informação individualizante ambígua. Quando membros de um grupo estereotípico exibem comportamentos ambíguos e abertos a múltiplas interpretações, mas que são previsores de determinado traço, as avaliações dos atores em causa são afetadas pelos estereótipos. Por exemplo, “um construtor civil que revele um comportamento agressivo ambíguo é classificado como sendo mais agressivo do que uma dona de casa

que revele o mesmo comportamento” (Krueger & Rothbart, 1988; Kunda & Sherman-Williams, 1993, citado por Kunda & Thagard, 1996, p. 289).

Em suma, em relação a outros modelos seriais, como os propostos por Brewer (1988) e por Fiske e Neuberg (1990), esta teoria e modelo computacional apresenta várias vantagens. A teoria proposta por Kunda e Thagard (1996), pode explicar porque é se forma uma impressão coerente a partir de diferentes fontes de informação.

Um outro estudo pertinente de referir para o nosso projeto é o de Dix, Ruble e Nixon, (1986). Como referimos inicialmente, existem em cognição social, poucos estudos que ajudem a compreender como é que as crianças são percecionadas por adultos. Estes autores ajudam a trazer uma luz sobre o tema, pois tentam compreender como são moldadas as conceptualizações dos pais sobre crianças e os seus comportamentos ao longo da infância. Para esse fim realizaram alguns estudos, baseados em modelos de atribuição, onde examinam como pais inferem sobre comportamentos diários dos seus filhos e possíveis consequências dessas inferências na socialização. O que é sugerido pela investigação é que os pais, quando querem avaliar as ações dos seus filhos, tendem a centrar-se na do comportamento imediato e em perceber se o comportamento advém da própria disposições de personalidade da criança. (Dix & Grusec, 1985, citados por Dix et al., 1986). O que é sugerido é que esta análise será guiada por uma avaliação de intencionalidade segundo a teoria de inferência correspondente (Jones & Davis, 1965). Assim, os pais vão decidir se os filhos pretendiam obter aquele resultado a partir do seu comportamento (motivação) e se as crianças: compreenderam os efeitos do seu comportamento (conhecimento); têm a habilidade de produzir esse efeito deliberadamente caso o desejam (habilidade); estavam livres de controlo externo. Caso os pais achem que há controlo e motivação suficientes, inferem que o efeito do comportamento era o pretendido. Por fim, os pais vão recorrer às suas crenças referentes à intenção das crianças para inferir a disposição da criança. Caso os pais acreditem que o efeito do comportamento da criança foi intencional, inferem que o comportamento se deve às disposições na personalidade da criança. Os pais poderão também achar que as ações não foram intencionais, caso infiram que as crianças não possuem os conhecimentos, habilidade, ou motivação e que os comportamentos foram influenciados por fatores externos. Vão apenas assumir que as crianças não têm um controlo eficaz do seu ambiente, refletindo um fraco desenvolvimento, mas não assumem que a ação seja inerente às disposições da sua personalidade. Considerando que o conhecimento e a

habilidade desenvolvem-se ao longo dos anos, sugere-se que os pais adequam a sua percepção das causas do comportamento às idades das crianças. Por exemplo, se uma criança de 3 anos disser a um convidado dos pais que ele é gordo, os pais vão achar que a criança não tem intenção, mas se a criança tiver 9 anos já vão achar que o insulto foi intencional (Dix et al., 1986, p. 880). Quando os pais assumem que os comportamentos negativos têm causa interna e controlável, são mais focados e críticos na sua avaliação (Meyer & Mulherin, 1980; Weiner, 1979, 1980, citados por Dix et al., 1986). Esta relação entre idade e atribuição, e atribuição e afeto, traduz-se em que quanto mais velha se torna a criança, os pais inferem que ela já desenvolveu o conhecimento e a habilidade de se comportar adequadamente em determinada situação, logo, passam a considerar inadequados certos comportamentos que aceitavam anteriormente. Essa hipótese foi confirmada pelos dois estudos realizados, onde os autores observaram que os pais fizeram cada vez mais inferências correspondentes sobre o comportamento das crianças, quanto maior a sua idade.

O trabalho de Dix, Ruble e Nixon, (1986) produz algumas bases para as nossas hipóteses experimentais, pois confirma haver uma discriminação avaliativa sobre o comportamento das crianças. Embora tenha sido realizado com recurso a participantes com contato frequente com crianças, a nossa crença é a de que o estereótipo social referente a crianças engloba a mesma generalidade de traços, independentemente do contato que as pessoas têm com crianças. Da mesma forma, acreditamos que os adultos tendem, na sua generalidade, a julgar as crianças da mesma forma.

Tem sido proposto por diversos autores que um percepiante pode inferir de forma relativamente espontânea, ou seja, sem ter consciência ou intenção de que o faz (e.g., Uleman, 2003; Uleman, Blader, & Todorov, 2005). Para o presente projeto construiu-se o material com recurso ao método semelhante ao de Winter e Uleman (1984) e Einter, Uleman e Cunnif (1985), onde os estudos dos autores consistiram em pedir aos participantes que lessem descrições de comportamentos dos atores em contexto social. Esta ação envolve um processo, em larga medida automático, de inferência de traços de personalidade. Esse processo inferencial diz-se espontâneo, porque ocorre mesmo sem a instrução explícita de formar impressões sobre os outros (Ferreira et al., 2005). É neste ponto que as investigações divergem, pois, no presente estudo temos como objetivo que a formação de impressões seja deliberada, e não espontânea.

Para a presente investigação apresentam-se três hipóteses experimentais. A primeira hipótese colocada foi que os adultos farão inferências mais fortes sobre outros adultos do que sobre crianças. Esta hipótese baseia-se no pressuposto de que há a crença social de que as crianças têm personalidade indefinida e sujeita a mudanças. Estando em crescimento e em desenvolvimento físico e cognitivo, as crianças podem ser facilmente percebidas como sendo instáveis e com traços de personalidade pouco definidos. Assume-se que o fator idade possa ter influência direta nessa avaliação e embora não exista literatura que estude a criança enquanto grupo social no que se refere à formação de impressões, tem-se como referência o trabalho de Dix et al. (1986), onde os resultados obtidos evidenciam que, à medida que as crianças se desenvolvem dos 4 aos 13 anos, os pais assumem que o seu comportamento passa a ser mais intencional e menos situacionalmente determinado, equivalendo as suas atribuições, às que são feitas para adultos (Nisbett & Ross, 1980, citados por Dix et al., 1986).

Na segunda hipótese assume-se que os adultos vão fazer mais inferências de valência positiva sobre as crianças do que de valência negativa. Conforme referido previamente, as evidências obtidas por Fiske (2002) sugerem que embora sejam consideradas como tendo uma alta confiabilidade, as crianças são também associadas a uma baixa competência. Assim, toma-se por base a crença de que enquanto grupo social, devido às suas características físicas, as crianças são consideradas mais frágeis, mais vulneráveis. No entanto, também que são mais facilmente associáveis a características sociais consideradas positivas, tais como serem inocentes, amigáveis, divertidas, etc.. Ou seja, pelas suas características, há uma tendência para os adultos considerarem as ações positivas das crianças mais reveladoras da personalidade das crianças, do que as negativas. Isto acontece por acharem que as crianças não vão beneficiar com os seus comportamentos positivos e que ainda não sabem que devem evitar os comportamentos negativos.

Por último, coloca-se a hipótese de que serão feitas mais inferências estereotípicas do que contra-estereotípicas, no que se refere às crianças. Mais uma vez há uma crença no peso dos estereótipos socialmente associados a crianças nesta hipótese. Como já referido, assume-se que nas crianças as características sociais consideradas positivas têm um maior peso do que as consideradas negativas. Logo, acredita-se que se um adulto observar uma determinada ação por parte de uma criança, cuja intenção não seja clara e que não se enquadre na sua crença sobre os elementos do grupo, pode tender a desvalorizá-la. Considerando as evidências obtidas por Dix et al. (1986), também pode

pesar a crença de que as crianças não têm intencionalidade. Ou seja, se as crianças estão a ser percebidas, não como indivíduos, mas como membros de um determinado grupo, então o estereótipo desse grupo vai ter mais impacto nas inferências de personalidade que são feitas sobre as crianças do que sobre os adultos (assumindo que estes estão a ser tratados como indivíduos). De acordo com Kunda e Thagard (1996), quando o comportamento de uma pessoa é não-ambíguo, o estereótipo não vai ter muita influência na interpretação do comportamento, porque o comportamento é claro, nem na inferência de traço, porque o comportamento claramente implica aquele traço. Ou seja, se as crianças ainda não compreendem o resultado da sua ação, logo não há intenção, o que leva a crer que o comportamento delas é mais determinado pela situação e como tal, pode ser mais ambíguo.

Estas hipóteses serão testadas no estudo principal deste projeto e o mesmo foi construído com recurso ao material obtido através de dois pré-testes.

Pré-Teste 1

Os pré-testes que seguem foram desenvolvidos com a finalidade de escolher o material para o estudo principal apresentado neste projeto. Como temos vindo a referir, o pretendido era conseguir observar as diferenças nas inferências disposicionais sobre crianças e adultos. Para isso, quisemos garantir que incluíamos igual número de traços estereotípicos de criança e adulto, de ambas as valências (pré-teste 1). Precísávamos também de ter confirmação de que as frases implicativas de traço efetivamente implicavam os traços pretendidos (pré-teste 2). Para termos maior segurança na objetividade do estudo principal, realizámos os dois pré-testes que se seguem.

Método

Participantes. Neste estudo estiveram 32 participantes, com idades compreendidas entre os 18 e os 38 anos ($M_{idade} = 22.21$ anos, $SD = 5.34$), 25 dos quais eram do sexo feminino. Parte dos participantes eram universitários, os quais receberam créditos numa unidade curricular, os restantes eram participantes externos à Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa (FPUL), os quais receberam 5 euros por 30 minutos de participação.

Material. Para este pré-teste começámos por reunir alguns trabalhos que continham frases implicativas de traços (Caetano, 2008; Ferreira et al., 2005; Fuhrman,

Bodenhausen & Galen., 2005; Garrido, Garcia-Marques & Jerónimo, 2004; Garrido, 2003; Jerónimo, Garcia-Marques & Garrido, 2004; Orghian, Ramos, Reis & Garcia-Marques, 2017; Ramos & Garcia-Marques, 2006). Contudo percebeu-se que a maioria dos comportamentos descritos nessas frases era mais facilmente aplicável a adultos, não sendo alguns passíveis de ser feitos por crianças. A partir dos dados de dois estudos realizados anteriormente no nosso laboratório, foi possível retirar traços estereotípicos de crianças e adultos, positivos e negativos. Com base nesses traços, criaram-se listas de frases implicativas de traços estereotípicos positivos de adultos (e.g., “Soube distanciar-se das suas preferências quando teve de avaliar o desempenho dos colegas”, traço “objetivo”) e negativos (e.g., “Afastou-se dos grupos de colegas que conviviam durante a festa”, traço “solitário”), tal como para as crianças (e.g., “Correu e fartou-se de fazer coisas sem se cansar”, traço “enérgico”; “Começou a abanar a perna porque não consegue ficar parada mais de dois minutos”, traço “irrequieto”). Existiam também frases *fillers*, que tinham o intuito de forçar o participante a usar os extremos da escala, visto tratar-se de comportamentos que se associam apenas ou a adultos ou a crianças (e.g., “Fez uma birra porque não queria ceder o seu lugar no baloiço”, *filler* criança; “Foi beber uns copos à noite com os amigos”, *filler* adulto). A maioria das frases foi criada de raiz. Assim criaram-se 20 frases para cada tipo de traço (e.g., traços estereotípicos de crianças *vs.* adulto, positivos *vs.* negativos), gerando um total de 80 frases, mais 20 *fillers*.

Procedimento. O estudo decorreu no Laboratório Experimental, da FPUL. Os participantes foram recebidos por um experimentador, que os encaminhou para computadores, onde responderam individualmente. Para realização do estudo usou-se como recurso o *software* Qualtrics. A experiência teve uma duração de aproximadamente 10 minutos.

Os participantes recebiam as instruções pelo computador. Primeiro foi pedido aos participantes que lessem um conjunto de frases e avaliassem numa escala de cinco pontos, onde 1. “criança de certeza”, 2. “provavelmente criança”, 3. “criança ou adulto”, 4. “provavelmente adulto” e 5. “adulto de certeza”, se o comportamento descrito poderia ter sido realizado por uma criança, um adulto ou por ambos. Pediu-se explicitamente que só recorressem aos extremos da escala caso acreditassem que aquela ação só podia ter sido realizada por um adulto ou por uma criança. As frases apareciam de forma aleatória a cada participante. Em seguida pediram-se dados demográficos, tais como, idade, género, ocupação e nacionalidade. Depois pediu-se aos participantes que respondessem à questão

“Como definiria o seu grau de contacto diário com crianças?”, numa escala de cinco pontos, onde 1. “muito raro” e 5. “muito frequente”. Por último colocou-se a questão “Caso tenha contacto com crianças, qual a relação destas crianças a si?”, com as opções: filhos, irmãos, primos, sobrinhos, alunos, crianças com quem trabalho, vizinhos ou outros. Os participantes podiam escolher mais do que uma opção.

Resultados

O esperado neste pré-teste era que as respostas dos participantes se centrassem na média da escala para a generalidade das frases e que nos *fillers* as respostas se encontrassem nos extremos da escala. O que se verificou foi de encontro às expectativas. As respostas às frases *fillers*, ou seja, descritivas de comportamentos implicativas de traços estereotípicos, situaram-se mais nos extremos da escala. Pode observar-se isto tanto nas frases referentes a traços estereotípicos de crianças (e.g., “Passou o dia inteiro a abanar o dente de leite que estava quase a cair”; $M = 1.09$, $SD = 0.30$, 95% CI = [0.99, 1.20]), como de adulto (e.g., “Usou a sua gravata mais sóbria para a entrevista de emprego”; $M = 4.94$, $SD = 0.35$, 95% CI = [4.82, 5.06]).

As respostas às restantes frases descritivas de comportamentos de crianças tiveram $M = 2.48$, $SD = 0.59$. As respostas às restantes frases descritivas de comportamentos de adultos tiveram $M = 3.56$, $SD = 0.59$ (Tabela A1). Estes resultados ajudaram a discriminar quais as frases cujos comportamentos são associados a traços estereotípicos de crianças e de adulto, tal como as que descrevem alguns comportamentos neutros, contribuindo para que haja uma maior consistência nas frases utilizadas no estudo principal.

Pré-Teste 2

Método

Participantes. Neste pré-teste participaram 61 estudantes universitários, com idades compreendidas entre os 18 e os 36 anos ($M_{idade} = 21.1$ anos, $SD = 3.3$), 52 dos quais eram do sexo feminino. Parte dos participantes eram universitários, os quais receberam créditos numa unidade curricular, os restantes eram participantes externos à FPUL, os quais receberam 5 euros por trinta minutos de participação.

Material. Para este estudo foram utilizadas as mesmas frases do estudo anterior, que foram criadas para implicar os traços estereotípicos de criança e adulto, positivos e negativos previamente selecionados, perfazendo um total de 80 frases.

Procedimento. O pré-teste decorreu no Laboratório Experimental, da FPUL. Os participantes foram recebidos por um experimentador, que os encaminhava para computadores, onde participavam nos estudos individualmente. Para realização do pré-teste usou-se como recurso o *software* Qualtrics. O pré-teste teve uma duração de aproximadamente 10 minutos.

Os participantes viram as instruções necessárias no ecrã, no decorrer da experiência. O intuito era os participantes gerarem traços, com base em frases descritivas de traços. Assim, os participantes liam a frase onde era descrita uma ação de determinada pessoa e em seguida era-lhes pedido que indicassem, livremente, dois traços que associassem à pessoa que efetuou a ação. Havia duas versões, logo foram apresentadas 40 frases a cada participante, implicando traços diferente e para cada uma delas era pedido aos participantes que se gerassem dois traços. Em seguida colocaram-se questões demográficas, como idade, género, ocupação, língua materna e nacionalidade. Por fim, colocou-se a questão “Caso tenha contacto com crianças, qual a relação destas crianças a si?”, com as opções: filhos, irmãos, primos, sobrinhos, alunos, crianças com quem trabalho, vizinhos, outro (qual?). Os participantes podiam escolher mais do que uma opção.

Resultados

O objetivo deste pré-teste era compreender quanto é que as frases em causa geravam determinado traço. Esta era uma validação importante, por ajudar a validar que as frases utilizadas no estudo principal implicavam o traço pretendido. Verificou-se que das 80 frases utilizadas, 56 geraram, consensualmente, o traço pretendido. As frases destacadas são as que foram utilizadas no estudo principal. Como se optou por colocar na tabela apenas os dois traços mais gerados para cada frase, há alguns casos em que a segunda posição podia estar preenchida por mais do que um traço, conforme se pode consultar na tabela A2. Verificou-se que em alguns dos casos as frases escolhidas não foram eficazes na ativação do traço pretendido, ou seja, não o geraram de todo ou geraram-no com pouca frequência. Temos como exemplos dessas frases, com o traço pretendido entre parenteses: “Foi o primeiro a inscrever-se na aula experimental” (aventureiro), “Pregou uma partida tão boa ao amigo que até ele se riu” (brincalhão),

“Não votou na sua melhor amiga porque sabia que a outra concorrente tinha estado melhor” (objetivo), “Lambeu uma faca afiada sem pensar nas consequências” (inconsciente), “Tomou várias decisões que não faziam sentido nenhum” (irracional). Em alguns destes casos há a possibilidade de as palavras pretendidas não serem muito utilizadas em linguagem corrente, daí terem sido gerados sinónimos mais frequentes. Temos como exemplo disso a frase “Deixou que fossem sempre os amigos a dar dinheiro para o jogo, apesar de ter dinheiro consigo”, associada ao traço “Avarento”, mas que gerou o traço “Forreta”.

Estudo Principal

Com o intuito de validar as hipóteses iniciais desenvolvemos o estudo abaixo descrito. O mesmo tem como finalidade compreender como é que os adultos formam impressões sobre crianças. Com recurso às frases implicativas de traço obtidas nos pré-testes anteriores, tentaram testar-se as nossas hipóteses iniciais. A primeira hipótese era de que os adultos fariam inferências mais fortes sobre a personalidade de outros adultos do que sobre crianças. Assim os estímulos deste estudo incluíam imagens de adultos de ambos os géneros, bem como imagens de crianças tanto de género masculino, como feminino. Para a segunda hipótese, de que os adultos fariam mais inferências de valência positiva sobre as crianças do que de valência negativa, criaram-se frases com ações que podem ser associadas a traços de ambas as valências. Para a hipótese de que seriam feitas mais inferências estereotípicas do que contra-estereotípicas, no que se refere às crianças, utilizaram-se frases com descrição de comportamentos implicativos de traços estereotípicos de crianças e de adultos, as quais foram associadas a fotos de crianças e de adultos de ambos os sexos.

Método

Participantes. Neste estudo participaram 62 estudantes do ensino superior, cuja média de idades era 23.8 anos ($SD = 5.16$), 45 dos quais eram do sexo feminino. Pela sua participação a alguns deles, foram atribuídos créditos extra numa unidade curricular, aos restantes foi oferecido um cheque oferta.

Material. Para este estudo foram utilizadas 24 frases e respetivos traços. O participante via sempre dois tipos de ator (criança ou adulto), traços de duas valências (positivo ou negativo) e traços de duas categorias (estereotípico de criança ou estereotípico de adulto). Nas tabelas A1 e A2, em anexo, pode observar-se em destaque, quais as frases selecionadas dos pré-testes. As fotos apresentadas foram retiradas de três bases de dados distintas, nomeadamente para os adultos as bases SAVE (Garrido et al., 2017) e KDEF (Goeleven, de Raedt, Leyman, & Vershuere, 2008) e para as crianças a base CAFE (LoBue & Thrasher, 2015). Os traços utilizados para as frases apresentadas neste estudo encontram-se disponíveis na tabela B1, em anexo.

Procedimento. O estudo decorreu no Laboratório Experimental da FPUL. Os participantes foram recebidos por um experimentador, que os encaminhava para computadores, onde participavam nos estudos individualmente. Para realização do estudo usou-se como recurso o *software* Qualtrics. A experiência teve uma duração de aproximadamente 10 minutos.

Havia quatro versões do estudo, sendo que, os participantes viam 24 ensaios. As instruções necessárias apareciam no ecrã, no decorrer da experiência. A mesma frase surgia numa versão associada à foto de uma criança do sexo masculino, noutra versão à foto de uma criança do sexo feminino, e nas duas restantes versões associada a adultos do sexo masculino ou feminino. Foram apresentadas frases que descreviam comportamentos realizados por pessoas (e.g., “Foi contra um poste enquanto andava na rua”, “Preparou a mochila com tudo o que ia precisar para o dia seguinte”), acompanhadas da fotografia da pessoa que realizou esse comportamento. Foi-lhes pedido que lessem a frase com atenção e indicassem o quanto é que achavam que aquela pessoa possuía determinado traço de personalidade (e.g., distraído, organizada), numa escala de 10 pontos, onde 1. “nada [traço]” e 10. “muito [traço]”.

Em seguida, era pedido que indicassem o seu grau de concordância em relação às seguintes afirmações sobre a personalidade e comportamento das crianças e dos (jovens) adultos: “A personalidade das crianças é menos vincada do que a personalidade dos (jovens) adultos”; “Os adultos mudam mais o seu comportamento consoante a situação em que se encontram do que as crianças”; “A personalidade das crianças é muito maleável; A personalidade dos (jovens) adultos é muito maleável”; “A mesma criança tende a comportar-se de maneira semelhante em diversas situações”; “O mesmo (jovem) adulto tende a comportar-se de maneira semelhante em diversas situações”; “A

personalidade das crianças tende a manter-se estável ao longo do tempo”; “A personalidade dos (jovens) adultos tende a manter-se estável ao longo do tempo”. Para isso foi usada uma escala de sete pontos, onde 1. “Discordo completamente”, 2. “Discordo moderadamente”, 3. “Discordo ligeiramente”, 4. “Não concordo nem discordo”, 5. “Concordo ligeiramente”, 6. “Concordo moderadamente” e 7. “Concordo Completamente”.

Posteriormente responderam às questões “Em termos gerais, quanto diria que gosta de crianças? e “Em termos gerais, quanto diria que gosta de adultos?”, recorrendo à escala “Desgosto mesmo muito”, “Desgosto bastante”, “Desgosto um pouco”, “Não gosto nem desgosto”, “Gosto um pouco”, “Gosto bastante” e “Gosto mesmo muito”. As duas últimas questões eram a mesma, aplicada a crianças e adultos, “Qual destas afirmações se aplica melhor a si?”, respondidas com a escala “Associo crianças/adultos” a coisas: 1. extremamente negativas, 2. moderadamente negativas, 3. ligeiramente negativas, 4. igualmente negativas e positivas, 5. ligeiramente positivas, 6. moderadamente positivas e 7. extremamente positivas. Depois, foram colocadas questões demográficas como idade, género, língua e nacionalidade.

Para apurar o contato que os participantes têm com crianças perguntou-se “Como definiria a frequência do seu contacto com crianças?” (muito raro, raro, ocasional, frequente, muito frequente) e “Caso tenha contacto com crianças, qual a relação destas crianças a si? (Escolha todas as que se aplicam), (filhos, irmão, primos, sobrinhos alunos, crianças com quem trabalho, vizinhos, outros (qual?)).

Resultados

Para proceder à análise de resultados, para cada participante, calculou-se a média das avaliações dadas para: traços positivos estereotípicos de criança, quando o ator era uma criança; traços negativos estereotípicos de criança, quando o ator era criança; traços positivos estereotípicos de adulto, quando o ator era uma criança e traços negativos estereotípicos de adulto, quando o ator era criança. Calcularam-se também as médias para os ensaios em que o ator era adulto. Valores mais elevados significam que o traço foi mais intensamente inferido. Em seguida, fez-se uma análise estatística, com recurso a ANOVA com medidas repetidas, com estrutura 2 ator (criança vs. adulto) x 2 valência do traço (positivo vs. negativo) x 2 estereotipicidade do traço (estereotípico de criança vs. estereotípico de adulto) e descrições de resultados baseadas na análise de intervalos de confiança a 95%.

O que se observou, foi um efeito principal de ator, $F(1, 61) = 12.59, p = .001$ (Figura 2), o que significa que há uma tendência para atribuir mais o traço, quando o ator é um adulto. Isto vem reforçar a hipótese de que os adultos associam mais fortemente traços a outros adultos a partir das ações, em relação a crianças. Este resultado é consistente com a primeira hipótese colocada.

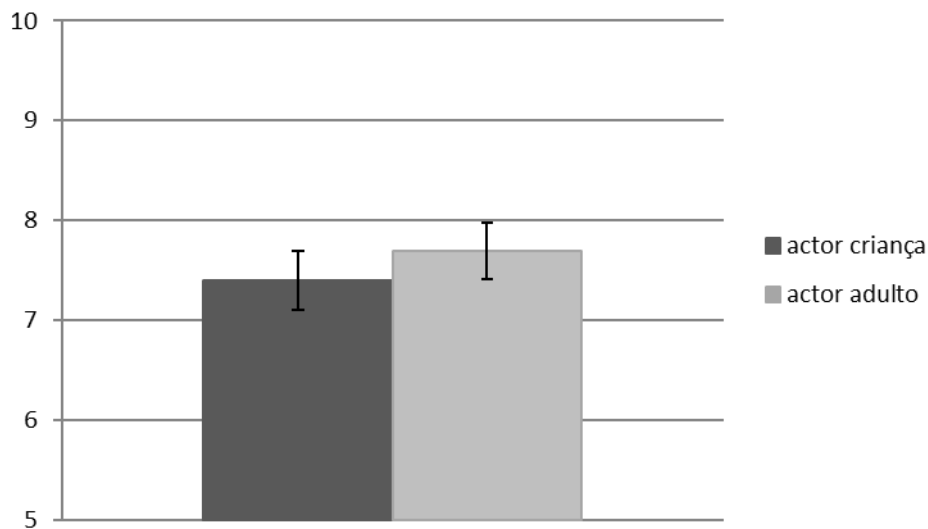


Figura 2. Efeito principal de ator (criança vs. adulto)

Observou-se também, que não há um efeito significativo entre a valência de traço e o ator, $F(1, 61) = 1,29 p = .261$ (Figura 3), o que refuta a hipótese de que adultos vão fazer mais inferências de valência positiva sobre as crianças do que de valência negativa. O que isto significa é que independentemente das ações descritas serem positivas ou negativas, o facto de serem desempenhadas por uma criança ou por um adulto, não vai influenciar a avaliação do traço associada à mesma.

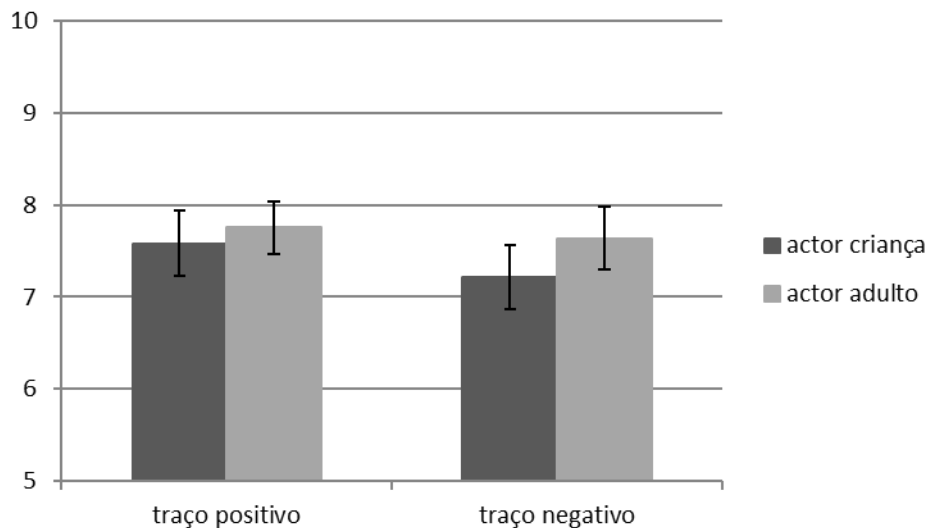


Figura 3. Interação ator (criança vs. adulto) X valência do traço (positivo vs. negativo)

Quando se observa a interação entre as três variáveis (ator X valência X estereotipicidade), há uma diferença significativa na inferência de traço, quando os traços são positivos e estereotipicamente de crianças, o que é consistente com a hipótese de que serão feitas mais inferências estereotípicas do que contra-estereotípicas, no que se refere às crianças. Embora nos traços positivos estereotípicos de adultos também se verifique uma maior tendência para atribuir o traço, quando o traço associado é estereotípico e positivo, essa diferença não é significativa. Quando os atores são crianças, essa diferença é mais visível, $F(1, 61) = 3.01, p = .088$ (Figura 4). A única situação em que os participantes atribuíram mais o traço ao ator criança do que ao ator adulto, foi quando os traços eram positivos e estereotípicos de criança ($p < .05$). No caso em que os traços eram estereotípicos de adultos foram muito mais atribuídos a adultos do que a crianças ($p < .01$).

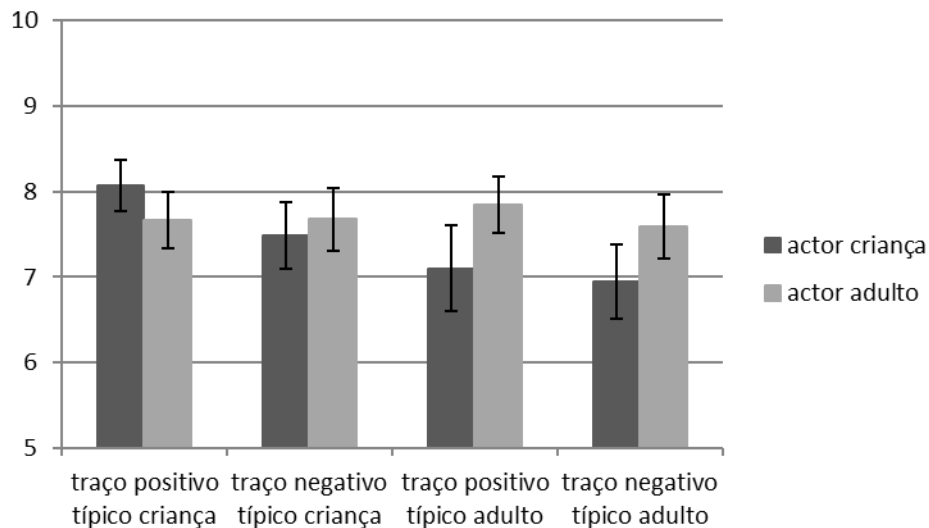


Figura 4. Interação ator (criança vs. adulto) X valência do traço (positivo vs. negativo X estereotipicidade do traço (estereotípico de criança vs. estereotípico de adulto).

No que respeita à interação ator X estereotipicidade, realizou-se uma ANOVA com medidas repetidas, com estrutura 2 ator (criança vs. adulto) X 2 estereotipicidade do traço (estereotípico do ator vs. contra estereotípico do ator). Vê-se que a estereotipicidade tem um efeito significativo quando o ator é criança, mas não quando o ator é adulto, $F(1, 61) = 10.90, p = .002$.

No que se refere às questões colocadas posteriormente, os participantes mostraram uma maior concordância com as frases “A personalidade das crianças é menos vincada do que a personalidade dos (jovens) adultos” ($M = 4.77, SD = 1.56, 95\% CI = [4.38, 5.17]$); “Os adultos mudam mais o seu comportamento consoante a situação em que se encontram do que as crianças” ($M = 4.98, SD = 1.61, 95\% CI = [4.57, 5.39]$) e “A personalidade das crianças é muito maleável” ($M = 5.48, SD = 1.38, 95\% CI = [5.13, 5.83]$). Nessas mesmas frases, discordaram da frase “A personalidade das crianças tende a manter-se estável ao longo do tempo” ($M = 2.70, SD = 1.67, 95\% CI = [2.36, 3.06]$). Em média, os participantes acreditam que a personalidade das crianças é mais maleável do que a dos adultos, $t(61) = 5.54, p < .001$, e menos estável ao longo do tempo, $t(61) = 4.94, p < .001$. Os participantes afirmaram também que “a personalidade das crianças é muito maleável” ($M = 5.48, SD = 1.38, CI [.93, 1.99]$) e que “A personalidade das crianças é menos vincada do que a personalidade dos (jovens) adultos” ($M = 4.77, SD = 1.56, CI [4.38, 5.17]$).

Posteriormente os participantes reportaram gostar mais de crianças do que de adultos, $t(61) = 2.645$, $p < .010$, apesar de reportarem gostar bastante de ambas as categorias (crianças: $M = 5.50$, $SD = 1.30$, 95% CI = [5.17, 5.83]; adultos: $M = 4.98$, $SD = 1.30$, 95% CI = [4.65, 5.31]). Reportam também associar coisas positivas a crianças ($M = 5.27$, $SD = 1.55$, 95% CI = [4.88, 5.67]), mais do que a adultos ($M = 4.02$, $SD = 1.34$, 95% CI = [3.68, 4.36]), $t(61) = 45.00$, $p < .001$.

Discussão

Os resultados obtidos são consistentes com duas das três hipóteses iniciais. Assim, neste estudo os adultos fizeram inferências mais fortes sobre outros adultos do que sobre crianças e fizeram mais inferências estereotípicas do que contra-estereotípicas, no que se refere às crianças. A hipótese de que adultos fariam mais inferências de valência positiva sobre as crianças do que de valência negativa, foi refutada.

As evidências parecem indicar de que tal como os idosos, as crianças são alvo de estereótipos etários.

A confirmação da nossa primeira hipótese, de que os adultos vão fazer inferências mais fortes sobre outros adultos do que sobre crianças, corrobora os resultados obtidos na investigação de Dix et al (1986), de que os adultos, perante ações de crianças reagem ao ator e não à ação. Isto pode advir da crença de que as crianças não têm personalidade definida, logo também não possuem traços característicos.

A segunda hipótese, de que os adultos vão fazer mais inferências de valência positiva sobre as crianças do que de valência negativa, não foi comprovada. Embora haja uma pequena diferença quando as crianças são vistas a ter ações positivas, não é significativa e relação às ações negativas. Kunda e Thagard (1996) defendem que um dos fenómenos que se pode encontrar é “Estereótipos afetam classificação de traços na presença de informação individualizante ambígua”, sugerindo que perante informação individual ambígua, os estereótipos podem afetar a forma como se constrói essa informação (Kunda e Sherman-Williams, 1993, citados por Kunda e Thagard, 1996). Por exemplo, “um construtor civil conhecido por ter batido em alguém que o irritou é visto como mais agressivo do que uma dona de casa que tenha exibido o mesmo comportamento, por o comportamento ser interpretado de forma diferente para os dois. É assumido que o construtor esmurrou um adulto, enquanto que a dona de casa deu palmadas numa criança. Foi demonstrado que tais construtos comportamentais guiados

estereotipicamente, mediam os efeitos dos estereótipos nas classificações dos atores” (Kunda e Sherman-Williams, 1993, citados por Kunda e Thagard, 1996, p. 291). Este fenómeno pode ajudar a explicar este resultado. Devemos considerar a hipótese de os exemplos apresentados não serem ambíguos o suficiente para ativar o estereótipo do grupo perante a foto do ator. Também as descobertas de Dix et al (1986) ajudam a justificar este efeito, pois demonstram que os adultos não avaliam o comportamento das crianças da mesma forma que avaliam o de outros adultos. Com base nessa investigação, é possível que os participantes quando viam crianças a ter comportamentos negativos, os associassem a uma ação não associada à sua personalidade, mas ao seu estado no momento, sem noção de consequência. Enquanto que nos adultos assumiam sempre que havia intenção e conhecimento de causa. Daí, a avaliação nos adultos quase não variar em função da valência. Já nas crianças, o pouco que varia parece apontar no sentido de haver uma desvalorização das ações negativas em relação às positivas, mas não o suficiente para se poder afirmar que há uma influência da valência na avaliação. Como as crianças são consideradas como estando em desenvolvimento, pode haver uma crença de que quando as suas ações são negativas, é porque as mesmas ainda não as entendem como tal.

Por último temos a terceira hipótese, que era de que vão fazer-se mais inferências estereotípicas do que contra-estereotípicas, no que se refere às crianças. Esta hipótese, tal como a primeira, foi confirmada. O que se verificou, foi que houve efetivamente uma maior atribuição dos traços ao ator, quando o ator era uma criança a exhibir comportamentos tipicamente estereotípicos de criança. Isto pode acontecer por o grupo social das crianças ter associados um leque menos vasto e mais característico de comportamentos, enquanto nos adultos, embora sejam mais facilmente expectáveis determinados comportamentos, não é anormal observar-se comportamentos que também possam ser considerados “infantis”. Um estudo de Fiske (1982, citado por Fiske et. al, 1987) suporta que os perceptores tendem a avaliar categorias em determinadas circunstâncias e mais atributos noutras circunstâncias. Quando os atores agem consistentemente com a sua categoria, são avaliados de acordo com a sua categoria, enquanto atores que agem contra a sua categoria, tendem a ser avaliados de acordo com os seus atributos. Assim, fica a ideia de que a combinação consistente ou inconsistente de rótulo e atributo podem determinar se o efeito é baseado em categoria ou em atributo. Neste caso, o que se verificou foi, que independentemente de o comportamento ser estereotípico de adulto ou de criança, quando o ator era um adulto, a ativação do traço

deu-se numa intensidade muito constante. Quando o ator era uma criança, o estereótipo associado ao comportamento já teve impacto. O que significa que facilmente os participantes fizeram distinção do que era esperado do comportamento de uma criança, que claramente era menos abrangente, do que os comportamentos esperados por parte de um adulto. A valência dos traços também tem impacto nas avaliações feitas pelos participantes. Conforme indicado nos resultados, observou-se uma diferença significativa na ativação inferência de traço, quando os traços são positivos e estereotipicamente de crianças. Ainda assim, nos traços positivos estereotípicos de adultos, também se verificou uma maior tendência para atribuir o traço, quando o traço associado é estereotípico e positivo, mas essa diferença não é significativa, o que pode acontecer por as frases descritivas de comportamento negativo não implicarem intenção ou consequência, logo os participantes tenderam a relativizá-las, mesmo sendo o ator um adulto.

Um dos fenómenos referidos por Kunda e Thagard (1996) era que “estereótipos podem provocar efeitos de contraste nas avaliações de traço”. O que isto significa é que, ao observar-se um membro de um grupo estereotípico a exibir um comportamento contra-estereotípico, as avaliações de traço, parecem ser influenciadas no sentido contrário ao do estereótipo. Por exemplo, “embora os negros sejam, tipicamente, vistos como sendo menos competentes academicamente, do que os brancos, quando os negros possuem boas credenciais académicas passam, frequentemente, a ser vistos como mais competentes do que os brancos com as mesmas credenciais” (Jackson et al., 1993; Jussim, et al., 1987; Linville & Jones, 1980, citados por Kunda e Thagard, 1996, p.293). Assim, quando uma criança é observada a ter determinado comportamento considerado contra estereotípico, ativa-se no observador um sub-tipo de membro do seu grupo social, visto como especialmente alto na dimensão em questão (e.g., mais esperta do que as outras). Este fenómeno é suportado também por, Manis, Biernat e Nelson (1991), que teorizam que grande parte das avaliações sobre indivíduos é feita por comparação entre estes e os restantes membros do seu grupo. Quando um indivíduo tem uma ação que não é esperada de um membro do seu grupo, há um efeito de contraste na avaliação, que faz com que a mesma seja sobrestimada.

Assim, os resultados do estudo principal parecem apontar para haver algum fundamento no pressuposto de Heider (1958, citado por Garcia-Marques, T., & Garcia-Marques, 2004), de que o ator e as suas ações formam uma unidade mais forte do ponto de vista percetivo, do que as ações e a situação que em estas ocorrem. Os nossos participantes não revelaram nenhuma dificuldade em inferir traços, mesmo sem ser dado

contexto às ações descritas. Aparentemente, o estereótipo que se associa ao ator é o suficiente para criar no perceptível uma ideia das suas intenções.

Estes resultados parecem indicar que determinada avaliação de adultos em relação a crianças podem ser enviesadas por crenças previamente adquiridas em relação ao grupo, dando claros indícios de que enquanto grupo social, as crianças têm atribuídas características de personalidade menos estáveis, mais maleáveis e em constante evolução. Perante as evidências de que a forma como se infere sobre crianças é diferente da usada para os adultos, será um grande salto afirmar que este grupo é alvo de idadismo, mas seria importante desenvolver mais estudos que ajudem a compreender como é que esta diferenciação na avaliação face às crianças pode ou não estar a discriminá-las. À priori esta questão pode parecer pouco relevante, mas em profissões de contacto permanente com crianças, tais como professores ou educadores de infância, pode influenciar a forma como desempenham a sua função. O facto de, em relação aos adultos, as crianças serem vistas como um grupo menos consistente, mais influenciável e de personalidade pouco vincada, pode influenciar negativamente a sua relação com adultos. Por um lado, as crianças podem sentir que não são tratadas de acordo com as suas necessidades específicas. Por outro lado, os adultos cuidadores ou cuja profissão implique contacto com crianças, podem não adequar o seu comportamento de acordo com a personalidade da criança, por achar que essa adequação por sua parte não se justifica e agir da mesma forma para todos os elementos do grupo. Deve também pensar-se qual o impacto que estas crenças sociais têm nas crianças, no seu dia-a-dia. Há a possibilidade de que as crianças sintam que têm características distintas dos adultos, fazendo-as perceberem-se a si mesmas de forma diferente, não necessariamente positiva.

Os dois pré-testes realizados antes do estudo principal revelaram-se bastante úteis por permitirem apontar no sentido certo, com frases que cumpriram, na sua generalidade, a função de descrever comportamentos que implicassem traços estereotípicos de crianças e de adultos.

Uma das limitações que se podem apontar a este estudo é o facto de se terem utilizado faces que esboçavam um sorriso, o que pode ter levado os participantes a vê-las como mais simpáticas, logo a tender a avaliar mais os traços positivos. O motivo pelo qual escolhemos crianças com um sorriso, foi por nos parecer mais natural do que crianças com expressão neutra. Embora não tenhamos a crença de que esse fator tenha influenciado os resultados, seria pertinente repetir o estudo com caras de expressão neutra.

Poderia revelar-se pertinente verificar se estudos de traços estereotípicos com crianças, semelhantes aos utilizados como base deste projeto, obteriam resultados semelhantes aos obtidos com adultos. Este trabalho pode ser o ponto de partida para novos estudos sobre o tema no campo da psicologia social. Se por um lado seria interessante repetir este estudo com uma amostra maior, de modo a garantir a consistência nos seus resultados, também podem ser tidas outras abordagens em relação ao mesmo. Pode readequar-se o estudo de modo a poder ser feito por adultos e crianças de idade escolar (entre os 6 e os 10 anos de idade). Pode também reproduzir-se o mesmo estudo, mas com recurso a fotos de adolescentes, de modo a tentar compreender-se onde pode estar o limiar onde se considera já haver intencionalidade das ações. Outro complemento interessante seria compreender se as crianças se sentem alvo de discriminação social em relação aos adultos e qual o impacto que isso tem nelas.

Nós tendemos a pensar numa abordagem de idade cronológica, mas esquecemo-nos que há pequenos grandes marcos na vida de uma criança que vão marcar o seu desenvolvimento psicossocial. Acontecimentos como a entrada na escola, primeira noite fora de casa, ou outros, são marcos que lembram os adultos da evolução das crianças e começam a incutir nas crianças responsabilidades. Pode ser esse outro dos fatores que faz com que lhes seja associada mais intencionalidade, mais do que a idade em si.

Este trabalho pode ser um ponto de partida para compreender como a perceção das crianças enquanto grupo social pode ser importante no desenvolvimento das mesmas. Se socialmente já há uma premissa de que as crianças devem ser protegidas e de que cabe aos adultos conferir-lhes estabilidade familiar, proteção e cuidado, dessa ideia de seres em crescimento advem também discriminações que se devem ter em conta. Esperamos com este trabalho ter aberto caminho a uma melhor compreensão sobre as implicações sociais desta distinção.

Follow-Up

No seguimento do presente projeto, identificaram-se diferenças na formação de impressões entre crianças e adultos, mas seria pertinente perceber até que idade se dá essa distinção. O que nos é dito pela literatura é que aproximadamente a partir dos 9 anos de idade, começa a assumir-se que já há uma noção de intencionalidade (Dix et al., 1986). A questão é, será que se faz essa avaliação inconscientemente, ou seja, será que mesmo não sabendo exatamente a idade do ator, o percipiente faz distinção da avaliação entre crianças e jovens adultos? E será que o contato diário com crianças torna as pessoas mais ou menos suscetíveis a essa avaliação?

Uma outra questão experimental que se coloca é se o facto de se ter contato frequente com crianças faz com que possa haver uma maior tendência a avaliar através de comparação. A literatura, indica que pode ocorrer o fenómeno de *shifting standards*, ou seja, quando se aguarda determinado resultado padrão e um indivíduo se destaca em relação ao grupo, mesmo que o seu desempenho não seja excepcional, vai ser sobreavaliado (Manis et al., 1991).

O estudo que se propõe é com dois grupos de participantes e composto por duas partes. O primeiro grupo composto por jovens adultos e adultos que tenham pouco ou nenhum contato com crianças e um segundo grupo constituído por profissionais de educação. O motivo pelo qual queremos fazer esta distinção é por termos a hipótese de que os participantes do grupo terem um estereótipo relativo às crianças, mais positivo, do que os participantes do grupo 2. Considera-se que, o grupo 1, tenderá mais a pensar que as crianças são inocentes, alegres e desprovidas de intenção nas ações. O tempo estimado do estudo é de aproximadamente 35 minutos.

Método

Participantes. Os participantes seriam 100 adultos, divididos em dois grupos. O grupo 1, composto por pessoas com idades compreendidas entre os 18 e 60 anos, com pouco ou nenhum contato com crianças. O segundo grupo deve ser composto por profissionais de educação (professores, auxiliares, monitores), com idades compreendidas entre os 25 e os 65, de preferência com mais de 2 anos de exercício de função.

Material. O material para este estudo vai ser distinto para as duas partes. Na primeira parte, vai consistir em 40 fotos de crianças e de jovens adultos. Ambos terão

igual número de elementos do sexo masculino e feminino. As crianças terão idades compreendidas entre os 4 e os 12 anos, os jovens adultos terão idades entre os 14 e os 18 anos. Serão utilizadas frases descritivas de traço, positivas e negativas, mas umas com indicador de intenção e outras não (e.g. fez uma festinha ao irmão; ajudou uma senhora a carregar as compras para receber 2€).

Para a segunda parte da tarefa vão usar-se 32 fotos de crianças, caucasianas e negras, do sexo masculino e feminino, com idades compreendidas entre os 6 e os 10 anos. As fotos serão acompanhadas de frases que indicam notas escolares a determinada disciplina.

Procedimento. O estudo seria apresentado com recursos ao *software* Qualtrics, no Laboratório Experimental da FPUL. O estudo seria dividido em duas partes, cada uma de aproximadamente, 15 minutos, com uma tarefa distratora de 5 minutos no intervalo das duas.

Na primeira parte será pedido aos participantes que leiam frases referentes à pessoa da foto e que indiquem numa escala de 7 pontos, onde 1. “nada [traço]” e 7. “muito [traço]”, o quanto consideram que aquela pessoa demonstra esse traço. As imagens e as frases aparecerão por ordem aleatória.

A tarefa distratora consiste em resolver dois problemas matemáticos, com pouca complexidade.

Na segunda, começa-se por perguntar aos participantes qual/quais a(s) disciplina(s) que consideravam mais difíceis e apresenta-se uma lista com várias disciplinas escolares, onde se podem escolher 3 disciplinas, entre várias (e.g. história, matemática, português, ciências, música e educação física). Em seguida os participantes vêm a instrução de que as imagens que seguem são de vários alunos da mesma escola básica e o que lhes é pedido é que, com base nas notas escolares (de 1 a 10) indicadas a determinada disciplina, indicassem numa escala de sete pontos, onde 1. “Nada inteligente” e 7. “Muito inteligente”, indicassem quão inteligente era a criança.

Resultados

O esperado na primeira parte é haja diferenças nos resultados inter-grupais. Os participantes do grupo 1, quando lerem uma ação, associada à foto de uma criança, subentendendo a compreensão da sua consequência, irão tender a atribuir mais o traço ao ator, do que quando a frase não presta essa pista. Já os participantes do grupo 2, vão avaliar mais intensamente os traços negativos do que os positivos, independentemente,

de haver ou não indicador de intenção. É também esperado que nesta mesma situação, quando a ação é considerada negativa, associada a um jovem adulto, o traço seja mais atribuído do que numa situação considerada positiva. Prevê-se que em ambos os grupos, quando os atores são jovens adultos, não haja diferenças na atribuição do traço, com ou sem indicadores de intenção, por os participantes de ambos os grupos, assumirem que aqueles atores têm sempre consciência das consequências dos seus atos.

Na segunda parte do estudo, o esperado é que, em ambos os grupos, é que os participantes tendam a relativizar mais os resultados negativos das crianças caucasianas, do que das crianças negras. Por outro lado, espera-se que haja um efeito de *shifting standards*, no grupo 2, quando as crianças negras têm resultados positivos em disciplinas consideradas difíceis. Isto porque os participantes tenderão a valorizar mais o sucesso do ator, por irem compará-lo com o estereótipo que têm dos elementos do grupo. Outro dos efeitos que se pode observar é a ativação de um estereótipo secundário e na avaliação, haver uma distinção de resultados entre as raparigas e os rapazes, principalmente no grupo 2, sendo que provavelmente notas positivas nos rapazes serão mais valorizadas do que nas raparigas.

Referências

- Asch, S. E. (1946). Forming impressions of personality. *The Journal of Abnormal and Social Psychology*, 41(3), 258.
- Barber, S. J., & Tan, S. C. (2018). Ageism Affects the Future Time Perspective of Older Adults. *GeroPsych*.
- Bassili, J. N. (1989a). Trait encoding in behavior identification and dispositional inference. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 15, 285-296.
- Bassili, J. N. (1989b). Traits as action categories versus traits as person attributes in social cognition. In J. N. Bassili (Ed.), *On-line cognition in person perception* (pp.61-89). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Brewer, M. B. (1996). *When stereotypes lead to stereotyping: The use of stereotypes in person perception. Stereotypes and stereotyping*, 254-275.
- Brewer, M. B. (1998). *Category-based vs. person-based perception in intergroup contexts. European review of social psychology*, 9(1), 77-106.
- Dix, T., Ruble, D. N., Grusec, J. E., & Nixon, S. (1986). Social cognition in parents: Inferential and affective reactions to children of three age levels. *Child development*, 879-894.
- Ferreira, M. B., de Moraes, A. S. A. C., Ferreira, D. G. G., & Valchev, N. S. (2005). *Frases implicativas de traços com continuações situacionais e neutras para o estudo das Inferências Espontâneas de Traços. Laboratório de Psicologia*, 3(1), 13-22.
- Fiske, S. T., Cuddy, A. J., Glick, P., & Xu, J. (2018). A model of (often mixed) stereotype content: Competence and warmth respectively follow from perceived status and competition (2002). In *Social Cognition* (pp. 171-222). Routledge.
- Fiske, S. T. (2018). Stereotype Content: Warmth and Competence Endure. *Current directions in psychological science*, 27(2), 67-73.
- Garcia-Marques, T., & Garcia-Marques, L. (Eds). (2004). *Inferir primeiro e pensar depois: Inferências de traço na Cognição Social*. Lisboa: ISPA

Garrido, M. V., Lopes, D., Prada, M., Rodrigues, D., Jerónimo, R., & Mourão, R. P. (2017). The many faces of a face: comparing stills and videos of facial expressions in eight dimensions (SAVE database). *Behavior research methods*, 49(4), 1343-1360.

Goeleven, E., De Raedt, R., Leyman, L., & Verschuere, B. (2008). The Karolinska directed emotional faces: a validation study. *Cognition and emotion*, 22(6), 1094-1118.

LoBue, V., & Thrasher, C. (2015). The Child Affective Facial Expression (CAFE) set: validity and reliability from untrained adults. *Emotion Science*, 5, 1532.

Manis, M., Biernat, M., & Nelson, T. F. (1991). Comparison and expectancy processes in human judgment. *Journal of personality and social psychology*, 61(2), 203.

Rogoff, B. (1990). *Apprenticeship in thinking: Cognitive development in social context*. Oxford University Press.

Winter, L., & Uleman, J. S. (1984). When are social judgments made? evidence for the spontaneousness of trait inferences. *Journal of Personality and Social Psychology*, 47(2), 237–

Sirota, R. (2001). Emergência de uma sociologia da infância: evolução do objeto e do olhar. *Cadernos de pesquisa*, 112(1), 7-22.

Uleman, J. S., Moskowitz, G. B., Roman, R. J., & Rhee, E. (1993). Tacit, manifest, and intentional reference: How spontaneous trait inferences refer to persons. *Social Cognition*, 11, 321-351.

Uleman, J. S., Blader, S., & Todorov, A. (2005). Implicit impressions. In R. Hassin, J. S. Uleman, & J. A. Bargh (Eds.), *The New Unconscious* (pp.362-392). New York: Oxford University Press.

Anexos

Anexo A 1

Tabela A1: Médias e desvios-padrão de pré-teste 1 – Frases para comportamentos (im)plausíveis de terem sido realizados por adultos ou crianças

Frase	<i>M</i>	<i>SD</i>	<i>95% IC</i>	
			limite superior	limite inferior
<i>Frases filler adulto</i>				
Usou a sua gravata mais sóbria para a entrevista de emprego.	4.94	0.35	4.81	5.06
Fez a barba logo de manhã e só depois tomou o pequeno almoço.	4.94	0.35	4.81	5.06
Conduziu acima do limite de velocidade porque estava com muita pressa.	4.91	0.53	4.72	5.10
Foi beber uns copos à noite com os amigos.	4.91	0.30	4.80	5.01
Foi ao banco assinar uns documentos.	4.88	0.55	4.68	5.07
Bebeu um café e fumou um cigarro depois de almoço.	4.75	0.67	4.51	4.99
Foi à maternidade ver a sua filha.	4.72	0.89	4.40	5.04
Entrou na universidade para o curso da sua primeira escolha.	4.63	0.79	4.34	4.91
Foi fazer um tratamento aos calos dos pés.	4.50	0.57	4.30	4.70
Foi com duas amigas a um festival de Verão.	4.31	0.69	4.06	4.56
<i>Frases implicativas de traço</i>				
Passou horas na quinta a cavar batatas e a tratar dos animais.	4.09	0.73	3.83	4.36
Soube distanciar-se das suas preferências quando teve de avaliar o desempenho dos colegas.	3.97	0.54	3.77	4.16
Disse que dar prendas é um desperdício de dinheiro.	3.94	0.62	3.71	4.16

Frase	<i>M</i>	<i>SD</i>	95% <i>IC</i>	
			limite superior	limite inferior
Como já tinha passado por muitas situações semelhantes, soube logo o que fazer.	3.91	0.64	3.68	4.14
Refletiu durante bastante tempo antes de decidir o que comprar.	3.91	0.59	3.69	4.12
Pesou as vantagens e desvantagens e só depois aceitou o desafio.	3.88	0.61	3.66	4.09
Foi o primeiro a inscrever-se na aula experimental.	3.69	0.82	3.39	3.98
Deixou que fossem sempre os amigos a dar dinheiro para o jogo, apesar de ter dinheiro consigo.	3.63	0.83	3.32	3.93
Não votou na sua melhor amiga porque sabia que a outra concorrente tinha estado melhor.	3.63	0.55	3.43	3.82
Ficou umas horas extra a acabar a sua tarefa para que ficasse bem feita.	3.59	0.71	3.34	3.85
Fez um plano para poder sair beneficiado da situação.	3.56	0.72	3.30	3.82
Distribuiu as tarefas pelos outros elementos do grupo sem lhes perguntar a opinião.	3.53	0.51	3.35	3.71
Não disse o que estava mesmo a pensar mas sim o que a colega queria ouvir.	3.53	0.57	3.33	3.74
À noite preparou a roupa que queria usar no dia seguinte.	3.50	0.72	3.24	3.76
Pediram-lhe a opinião sobre o assunto e todos concordaram com o que disse.	3.47	0.62	3.24	3.69
Disse mal da amiga pelas costas dela, mas quando estão juntas é só sorrisos.	3.41	0.56	3.20	3.61
Falou altou demais durante o almoço com os amigos no restaurante.	3.41	0.84	3.10	3.71
Fez o trabalho que lhe deram com exatidão e rapidez.	3.41	0.50	3.23	3.59

Frase	<i>M</i>	<i>SD</i>	95% <i>IC</i>	
			limite superior	limite inferior
As respostas que deu revelaram que conhecia bem aquele tema.	3.38	0.55	3.18	3.57
Afastou-se dos grupos de colegas que conviviam durante a festa.	3.34	0.65	3.11	3.58
Explicou todas as regras e pontuações das cartas do jogo.	3.34	0.48	3.17	3.52
Disse uma piada que revelou o seu apurado sentido de humor.	3.31	0.54	3.12	3.51
Teve uma ideia muito original para um filme.	3.31	0.59	3.10	3.53
Passou a semana toda a achar que tinha trabalhos a mais e que não ia conseguir acabá-los a tempo.	3.28	0.81	2.99	3.57
Continuou a mostrar as fotografias das suas férias quando já ninguém queria ver mais.	3.25	0.62	3.03	3.47
Fantasiou com o que faria se ganhasse aquele prémio.	3.25	0.57	3.05	3.45
Contou imensas anedotas que puseram toda a gente a rir.	3.16	0.45	2.99	3.32
Foi o caminho todo para casa em silêncio a lembrar-se do que lhe tinham dito.	3.16	0.45	2.99	3.32
Correspondeu às expectativas na realização de várias tarefas.	3.13	0.34	3.00	3.25
Ficou sentado a olhar pela janela a considerar o que devia fazer a seguir.	3.13	0.71	2.87	3.38
Pregou uma partida tão boa ao amigo que até ele se riu.	3.13	0.42	2.97	3.28
Quis ser o melhor naquela atividade e fazer sempre mais.	3.13	0.34	3.00	3.25
Pôs a música aos altos berros e tocou tambor a tarde inteira.	3.09	0.69	2.85	3.34
Preparou a mochila com tudo o que ia precisar para o dia seguinte.	3.09	0.53	2.90	3.28

Frase	<i>M</i>	<i>SD</i>	95% IC	
			limite superior	limite inferior
Usou a colega só para ter acesso ao que ela tinha e aos amigos dela.	3.09	0.59	2.88	3.31
Disse que não gostava muito daquela comida depois de a provar.	3.06	0.56	2.86	3.27
Ficou aflito porque estava atrasado e começou a roer as unhas.	3.06	0.35	2.94	3.19
Quis saber tudo sobre aquele assunto.	3.06	0.56	2.86	3.27
Demorou meia hora a contar uma história sem piada nenhuma que ainda por cima já tinha contado.	3.03	0.59	2.82	3.25
Esteve sempre a meter-se com os amigos criando uma atmosfera positiva.	3.03	0.47	2.86	3.20
Evitou que algo de mau acontecesse à sua amiga.	3.03	0.40	2.89	3.18
Não deixou que dissessem mal da sua amiga.	3.00	0.25	2.91	3.09
A sua mente começou a divagar para o que mais gostava de fazer.	2.97	0.59	2.75	3.18
De entre todos os jogos escolheu aquele que dava para jogar sem companhia.	2.97	0.47	2.80	3.14
Deu informação errada ao amigo de propósito para ter melhor nota do que ele.	2.97	0.74	2.70	3.24
Mudou de humor repentinamente e era impossível saber o que ia fazer a seguir.	2.97	0.47	2.80	3.14
Não conseguiu pensar com clareza na questão e ninguém percebeu o que fez.	2.97	0.54	2.77	3.16
Fez festas a um cão enquanto este estava à espera do dono.	2.94	0.25	2.85	3.03
Foi contra um poste enquanto andava na rua.	2.94	0.35	2.81	3.06
Desde que conheceu a nova amiga começou a fazer coisas erradas que antes não fazia.	2.91	0.47	2.74	3.07
Quis ganhar a todos na primeira etapa e passar às finais diretamente.	2.91	0.47	2.74	3.07

Frase	<i>M</i>	<i>SD</i>	95% <i>IC</i>	
			limite superior	limite inferior
Compôs uma história de fantasia com pormenores surpreendentes.	2.88	0.66	2.64	3.11
Não se deu ao trabalho de conhecer o colega novo porque ele não tem coisas de marca.	2.88	0.87	2.56	3.19
Deixou de falar com uma amiga porque alguém lhe falou mal dela.	2.84	0.85	2.54	3.15
Tomou várias decisões que não faziam sentido nenhum.	2.84	0.63	2.62	3.07
Deu um abraço à mãe e disse-lhe que gostava muito dela.	2.81	0.40	2.67	2.96
Escolheu o jogo e as equipas sem perguntar nada a ninguém.	2.81	0.59	2.60	3.03
Ofereceu-se para ajudar o pai porque sabia que ele lhe daria dinheiro.	2.81	0.82	2.52	3.11
Por várias vezes fez o que ninguém estava à espera que fizesse.	2.81	0.59	2.60	3.03
Acreditou na desculpa esfarrapada e nem percebeu que estava ser enganado.	2.78	0.55	2.58	2.98
Subiu as escadas do prédio a correr.	2.78	0.55	2.58	2.98
Deixou a janela aberta mesmo sabendo que podia chover e molhar os papéis.	2.72	0.68	2.47	2.97
Passou a viagem inteira a contar coisas que tinha visto na televisão.	2.72	0.58	2.51	2.93
Escolheu um campo de férias onde podia explorar coisas novas e sentir adrenalina.	2.59	1.04	2.22	2.97
Ficou à espera que o ajudassem porque nunca quer fazer nada sozinho.	2.56	0.62	2.34	2.79
Não foi à aula de música porque não tinha companhia e não queria ir sozinho.	2.56	0.62	2.34	2.79
Esqueceu-se do material em casa e do casaco no autocarro.	2.53	0.67	2.29	2.77

Frase	<i>M</i>	<i>SD</i>	95% <i>IC</i>	
			limite superior	limite inferior
Começou a abanar a perna porque não consegue ficar parada mais de dois minutos.	2.50	0.57	2.30	2.70
Acreditou em tudo o que o colega lhe contou, apesar da história ser implausível.	2.44	0.84	2.13	2.74
Gozou com as orelhas do colega porque sabia que isso o magoava.	2.44	0.62	2.21	2.66
Disse o que achava do desenho, mesmo correndo o risco da amiga ficar triste.	2.38	0.71	2.12	2.63
Não quis usar as proteções quando foi aprender a andar de skate.	2.38	0.66	2.14	2.61
Não se calou durante a aula inteira.	2.38	0.71	2.12	2.63
Ficou chateado porque o amigo recebeu uma prenda mais cara do que a sua.	2.31	0.74	2.05	2.58
Correu e fartou-se de fazer coisas sem se cansar.	2.28	0.77	2.00	2.56
Não parou sossegado durante todo o filme.	2.25	0.57	2.05	2.45
Espetou uma agulha na pata do gato só para ver o que ele faria com a dor.	2.06	0.76	1.79	2.34
Deixou a irmã mais nova sozinha na piscina, apesar de lhe terem pedido para ficar por perto.	2.00	0.57	1.80	2.20
Lambeu uma faca afiada sem pensar nas consequências.	1.94	0.80	1.65	2.23
Perguntou de onde vêm as estrelas e muitas outras coisas.	1.63	0.61	1.41	1.84
<i>Frases filler criança</i>				
Fez uma fita quando o médico o quis pesar.	1.63	0.79	1.34	1.91
Pôs-se de pé na cama de grades e atirou todos os peluches para o chão.	1.41	0.80	1.12	1.69
Lambeu o vidro da janela do carro.	1.34	0.48	1.17	1.52
Comeu a papa sozinho, mas sujou a cadeira toda.	1.22	0.42	1.07	1.37

Frase	M	SD	95% IC	
			limite superior	limite inferior
Roeu o pé e alguns dos dedos da mão da boneca.	1.22	0.42	1.07	1.37
Pedi à mãe para fazer a sua festa de anos nos insufláveis.	1.19	0.40	1.04	1.33
Fez uma birra porque não queria ceder o seu lugar no baloiço.	1.19	0.40	1.04	1.33
Passou o recreio inteiro a jogar às escondidas.	1.16	0.37	1.02	1.29
Ficou ao colo da mãe durante todo o concerto.	1.13	0.34	1.00	1.25
Passou o dia inteiro a abanar o dente de leite que estava quase a cair.	1.09	0.30	0.99	1.20

Tabela A 2

Pré-teste 2 – Percentagem de participantes que gerou determinado traço a partir de frases implicativas de traço

Traço esperado	Frase apresentada	1º e 2º traços gerados mais frequentes	Frequência (%)
<i>Traço-base positivo estereotípico de criança</i>			
Enérgico	Subiu as escadas do prédio a correr.	apressado	53%
		energético	20%
	Correu e fartou-se de fazer coisas sem se cansar.	resistente	16%
		trabalhador	16%
Curioso	Quis saber tudo sobre aquele assunto.	curioso	57%
		interessado	23%
	Perguntou de onde vêm as estrelas e muitas outras coisas.	curioso	77%
		interessado	57%
Brincalhão	Esteve sempre a meter-se com os amigos criando uma atmosfera positiva.	amigável	33%
		divertido	30%
	Pregou uma partida tão boa ao amigo que até ele se riu.	divertido	58%
		engraçado	29%
Imaginativo	Compôs uma história de fantasia com pormenores surpreendentes.	criativo	77%
		imaginativo	53%
	Teve uma ideia muito original para um filme.	criativo	74%
		imaginativo	23%

Sonhador	A sua mente começou a divagar para o que mais gostava de fazer.	sonhador	46%
		distraído	30%
	Fantasiou com o que faria se ganhasse aquele prémio.	sonhador	84%
		ambicioso	13%
esperançoso		13%	
Sincero	Disse o que achava do desenho, mesmo correndo o risco da amiga ficar triste.	honesto	47%
		sincero	37%
	Disse que não gostava muito daquela comida depois de a provar.	sincero	39%
		esquisito	23%
Engraçado	Contou imensas anedotas que puseram toda a gente a rir.	divertido	60%
		engraçado	33%
	Disse uma piada que revelou o seu apurado sentido de humor.	engraçado	65%
		divertido	35%
Falador	Passou a viagem inteira a contar coisas que tinha visto na televisão.	falador	43%
		chato	23%
	Não se calou durante a aula inteira.	falador	45%
		chato	16%
Aventureiro	Escolheu um campo de férias onde podia explorar coisas novas e sentir adrenalina.	aventureiro	83%
		divertido	23%
	Foi o primeiro a inscrever-se na aula experimental.	interessado	32%
		organizado	29%
Carinhoso	Deu um abraço à mãe e disse-lhe que gostava muito dela.	carinhoso	53%
		querido	23%
	Fez festas a um cão enquanto este estava à espera do dono.	carinhoso	35%
		amigável	29%
<i>Traço-base positivo estereotípico de adulto</i>			
Experiente	Como já tinha passado por muitas situações semelhantes, soube logo o que fazer.	experiente	37%
		inteligente	13%
		sábio	13%
	Explicou todas as regras e pontuações das cartas do jogo.	organizado	23%
conhecedor		16%	
justo		16%	
Ambicioso	Quis ganhar a todos na primeira etapa e passar às finais diretamente.	competitivo	43%
		ambicioso	40%
	Quis ser o melhor naquela atividade e fazer sempre mais.	ambicioso	19%
		competitivo	16%
Trabalhador	Ficou umas horas extra a acabar a sua tarefa para que ficasse bem feita.	perfeccionista	40%
		trabalhador	40%
		responsável	20%
	Passou horas na quinta a cavar batatas e a tratar dos animais.	trabalhador	74%
agricultor		16%	
Ponderado	Pesou as vantagens e desvantagens e só depois aceitou o desafio.	ponderado	40%
		racional	20%
	Refletiu durante bastante tempo antes de decidir o que comprar.	indeciso	35%

		ponderado	19%	
Sábio	Pediram-lhe a opinião sobre o assunto e todos concordaram com o que disse.	inteligente	27%	
		líder	23%	
	As respostas que deu revelaram que conhecia bem aquele tema.	inteligente	55%	
		interessado	26%	
Competente	Fez o trabalho que lhe deram com exatidão e rapidez.	eficiente	30%	
		trabalhador	27%	
	Correspondeu às expectativas na realização de várias tarefas.	inteligente	29%	
		competente	13%	
Objectivo	Não votou na sua melhor amiga porque sabia que a outra concorrente tinha estado melhor.	justo	43%	
		honesto	30%	
	Soube distanciar-se das suas preferências quando teve de avaliar o desempenho dos colegas.	imparcial	42%	
		justo	26%	
		leal	27%	
Protetor	Não deixou que dissessem mal da sua amiga.	amigo	17%	
		bom amigo	17%	
		fiel	17%	
		protector	17%	
	Evitou que algo de mau acontecesse à sua amiga.	amigo	29%	
		protector	23%	
		preocupado	23%	
Organizado	Preparou a mochila com tudo o que ia precisar para o dia seguinte.	organizado	73%	
		responsável	37%	
			organizado	71%
	À noite preparou a roupa que queria usar no dia seguinte.	arrumado	13%	
		metódico	13%	
Pensativo	Ficou sentado a olhar pela janela a considerar o que devia fazer a seguir.	pensativo	40%	
		ponderado	27%	
	Foi o caminho todo para casa em silêncio a lembrar-se do que lhe tinham dito.	pensativo	26%	
		preocupado	19%	
<i>Traço-base negativo estereotípico de criança</i>				
Irrequieto	Não parou sossegado durante todo o filme.	irrequieto	73%	
		inquieta	17%	
	Começou a abanar a perna porque não consegue ficar parada mais de dois minutos.	irrequieto	32%	
		ansioso	32%	
		nervoso	29%	
Ingénuo	Acreditou na desculpa esfarrapada e nem percebeu que estava ser enganado.	ingénuo	70%	
		inocente	37%	
	Acreditou em tudo o que o colega lhe contou, apesar da história ser implausível.	ingénuo	55%	
		inocente	16%	
		influenciável	16%	
Barulhento	Pôs a música aos altos berros e tocou tambor a tarde inteira.	barulhento	20%	
		divertido	20%	
	Falou alto demais durante o almoço com os amigos no restaurante.	egoísta	13%	
		extrovertido	26%	
		barulhento	23%	

Imprevisível	Por várias vezes fez o que ninguém estava à espera que fizesse.	imprevisível	61%	
		surpreendente	30%	
	Mudou de humor repentinamente e era impossível saber o que ia fazer a seguir.	imprevisível	61%	
		bipolar	45%	
Inconsciente	Deixou a janela aberta mesmo sabendo que podia chover e molhar os papéis.	irresponsável	47%	
		descuidado	20%	
		despreocupado	20%	
	Lambeu uma faca afiada sem pensar nas consequências.	irresponsável	23%	
		imprudente	19%	
Dependente	Ficou à espera que o ajudassem porque nunca quer fazer nada sozinho.	impulsivo	19%	
		dependente	53%	
		preguiçoso	43%	
	Não foi à aula de música porque não tinha companhia e não queria ir sozinho.	dependente	35%	
		ansioso	13%	
		inseguro	13%	
Distraído	Esqueceu-se do material em casa e do casaco no autocarro.	tímido	13%	
		esquecido	50%	
	Foi contra um poste enquanto andava na rua.	distraído	43%	
		distraído	94%	
Irracional	Tomou várias decisões que não faziam sentido nenhum.	descuidado	13%	
		irresponsável	17%	
	Não conseguiu pensar com clareza na questão e ninguém percebeu o que fez.	inconsciente	10%	
		confuso	26%	
		distraído	19%	
Influenciável	Desde que conheceu a nova amiga começou a fazer coisas erradas que antes não fazia.	influenciável	87%	
		baixa auto-estima	7%	
		burro	7%	
		dependente	7%	
		fraco	7%	
		irracional	7%	
		irresponsável	7%	
		mau	7%	
		Deixou de falar com uma amiga porque alguém lhe falou mal dela.	influenciável	42%
			falso	10%
mau amigo	10%			
Irresponsável	Deixou a irmã mais nova sozinha na piscina, apesar de lhe terem pedido para ficar por perto.	irresponsável	83%	
		descuidado	20%	
	Não quis usar as proteções quando foi aprender a andar de skate.	irresponsável	19%	
		descuidado	19%	
		teimoso	19%	
		aventureiro	16%	
<i>Traço-base negativo estereotípico de adulto</i>				
Stressado	Passou a semana toda a achar que tinha trabalhos a mais e que não ia conseguir acabá-los a tempo.	ansioso	43%	
		preocupado	23%	
	Ficou aflito porque estava atrasado e começou a roer as unhas.	nervoso	58%	
Calculista		ansioso	48%	
		egoísta	23%	

	Deu informação errada ao amigo de propósito para ter melhor nota do que ele.	mau	23%
		falso	13%
		invejoso	13%
	Fez um plano para poder sair beneficiado da situação.	interesseiro	19%
		calculista	16%
Autoritário	Distribuiu as tarefas pelos outros elementos do grupo sem lhes perguntar a opinião.	egoísta	27%
		autoritário	20%
	Escolheu o jogo e as equipas sem perguntar nada a ninguém.	egoísta	35%
		egocêntrico	23%
Falso	Disse mal da amiga pelas costas dela, mas quando estão juntas é só sorrisos.	falso	87%
		hipócrita	17%
	Não disse o que estava mesmo a pensar, mas sim o que a colega queria ouvir.	falso	19%
		influenciável	16%
Avarento	Deixou que fossem sempre os amigos a dar dinheiro para o jogo, apesar de ter dinheiro consigo.	forreta	37%
		egoísta	23%
	Disse que dar prendas é um desperdício de dinheiro.	egoísta	35%
		forreta	32%
Materialista	Ficou chateado porque o amigo recebeu uma prenda mais cara do que a sua.	invejoso	47%
		egoísta	27%
	Não se deu ao trabalho de conhecer o colega novo porque ele não tem coisas de marca.	materialista	19%
		fútil	16%
Solitário	De entre todos os jogos escolheu aquele que dava para jogar sem companhia.	solitário	70%
		introvertido	20%
	Afastou-se dos grupos de colegas que conviviam durante a festa.	solitário	32%
		antissocial	29%
Interesseiro	Usou a colega só para ter acesso ao que ela tinha e aos amigos dela.	falso	40%
		interesseiro	37%
	Ofereceu-se para ajudar o pai porque sabia que ele lhe daria dinheiro.	interesseiro	65%
		egoísta	13%
		oportunista	13%
Aborrecido	Demorou meia hora a contar uma história sem piada nenhuma que ainda por cima já tinha contado.	aborrecido	37%
		chato	33%
	Continuou a mostrar as fotografias das suas férias quando já ninguém queria ver mais.	chato	32%
		egocêntrico	29%
Cruel	Espetou uma agulha na pata do gato só para ver o que ele faria com a dor.	mau	30%
		curioso	17%
	Gozou com as orelhas do colega porque sabia que isso o magoava.	mau	55%
		insensível	13%

Anexo B 1

Tabela B1: Lista de traços utilizados no estudo principal

Estereotípicos		
	<i>Criança</i>	<i>Adultos</i>
Positivos	sonhador	organizado
	aventureiro	ponderado
	curioso	trabalhador
	engraçado	pensativo
	imaginativo	ambicioso
	carinhoso	experiente
Negativos	distraído	falso
	influenciável	interesseiro
	irresponsável	solitário
	irrequieto	aborrecido
	ingénuo	forreta
	imprevisível	materialista